

**ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E RAÇA: EXPERIÊNCIAS
EM ACOLHIMENTO EMOCIONAL E DANÇAS, PRODUZIDAS PELO
FORDAN/UFES**

**CONFRONTING GENDER AND RACIAL VIOLENCE: EXPERIENCES IN
EMOTIONAL SUPPORT AND DANCES, PRODUCED BY FORDAN/UFES**

**ENFRENTANDO LA VIOLENCIA DE GÉNERO Y RACIAL: EXPERIENCIAS DE
APOYO EMOCIONAL Y DANZAS, PRODUCIDO POR FORDAN/UFES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-217>

Data de submissão: 18/08/2025

Data de publicação: 18/09/2025

Rosely Silva Pires

Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: rosely.pires@ufes.br

Janayna Baptista de Almeida Gomes

Licenciada em Educação Física
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: janaynagomes.ufes@gmail.com

Everton da Conceição de Oliveira

Pós-graduado em Educação Integral e Saberes Populares e no Ensino da Dança
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: everton.c.oliveira@edu.ufes.br

Ana Carolina da Silva Cabral

Graduada em Educação Física
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: anacarolinasilvacabral@gmail.com

Leonardo Luiz Diniz da Silva Araujo

Pós-graduado em Arte Educação
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: cod_rapman@hotmail.com

Lara Feliciano de Souza

Pós-graduada em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: larasouza7@hotmail.com

Socrates Pereira Silva

Mestre em Psicologia Institucional
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
E-mail: ps.socrates@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho busca apresentar metodologia, com o acolhimento emocional e danças, produzidas pelo Programa de Pesquisa e Extensão Fordan: Cultura no enfrentamento às violências da Universidade Federal do Espírito Santo. Ao longo de 20 anos o Fordan, com zero feminicídio e homicídio de mulheres, tem produzido experiências de enfrentamento às violências de gênero e raça através de acolhimento às mulheres e suas filhas e filhos, encaminhamento de denúncias e formação e fortalecimento de redes de apoio. Em especial, esse texto destaca a importância das danças e acolhimento psicossocial como estratégia de fortalecimento de mulheres vítimas de violências, em sua maioria mulheres negras de periferia. Ao compartilhar narrativas e reflexões dos autores relacionadas à acolhimento psicossocial e a estilos como Hip Hop, Stiletto/heels, Baile charme e Maculelê, evidencia-se a potência dessas linguagens na construção de espaços de resistência, pertencimento e emancipação. O objetivo foi apresentar nossa metodologia para pessoas e instituições interessadas em compreender e ampliar as possibilidades no enfrentamento às violências de gênero e raça.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Dança. Acolhimento Emocional. Raça.

ABSTRACT

This paper presents a methodology, using emotional support and dance, developed by the Fordan Research and Extension Program: Culture in Confronting Violence at the Federal University of Espírito Santo. Over the course of 20 years, Fordan, with zero femicides and homicides of women, has produced experiences in confronting gender- and racial-based violence through support for women and their daughters and sons, forwarding complaints, and developing and strengthening support networks. In particular, this text highlights the importance of dance and psychosocial support as a strategy for empowering women victims of violence, the majority of whom are Black women from peripheral neighborhoods. By sharing the authors' narratives and reflections related to psychosocial support and styles such as Hip Hop, Stiletto/Heels, Baile Charme, and Maculelê, the power of these languages in building spaces of resistance, belonging, and emancipation is highlighted. The objective was to present our methodology to individuals and institutions interested in understanding and expanding possibilities for confronting gender- and racial-based violence.

Keywords: Gender-based Violence. Dance. Emotional Support. Race.

RESUMEN

Este artículo presenta una metodología, que utiliza el apoyo emocional y la danza, desarrollada por el Programa Fordan de Investigación y Extensión: Cultura en el Enfrentamiento a la Violencia de la Universidad Federal de Espírito Santo. A lo largo de 20 años, Fordan, con cero feminicidios y homicidios de mujeres, ha generado experiencias de enfrentamiento a la violencia de género y racial mediante el apoyo a mujeres, sus hijas e hijos, la presentación de denuncias y el desarrollo y fortalecimiento de redes de apoyo. En particular, este texto destaca la importancia de la danza y el apoyo psicosocial como estrategia para el empoderamiento de las mujeres víctimas de violencia, la mayoría de las cuales son mujeres negras de barrios periféricos. Al compartir las narrativas y reflexiones de las autoras sobre el apoyo psicosocial y estilos como el hip hop, los tacones, el baile charme y el maculelê, se destaca el poder de estos lenguajes en la construcción de espacios de

resistencia, pertenencia y emancipación. El objetivo fue presentar nuestra metodología a personas e instituciones interesadas en comprender y ampliar las posibilidades de enfrentamiento a la violencia de género y racial.

Palabras clave: Violencia de Género. Danza. Apoyo Emocional. Raza.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados do Anuário de Segurança Pública (2025), o Brasil assassina por dia 10 mulheres, seja por homicídio ou feminicídio. Dessas dez mulheres, sete são negras e da periferia. Por isso, discutir violência de gênero é também discutir racismo, intolerância religiosa e todas as temáticas na perspectiva da interseccionalidade. O Fordan, há 20 anos, tem criado metodologias de enfrentamento às violências. Com esse objetivo nosso programa de pesquisa e extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) possui variados núcleos que dialogam entre si (acolhimento emocional, cultura, saúde, jurídico, tecnologia e geoprocessamento e comunicação). Todos os núcleos trabalham de forma interdisciplinar para acolher as mulheres e seus filhos e filhas; para denunciar as violências, e para formação e fortalecimento de redes de apoio para às vítimas.

Esse artigo busca apresentar o trabalho de dois desses núcleos, exemplificando como a temática da violência contra a mulher e o racismo estão entrelaçados quando a intervenção é feita com mulheres, filhas e filhos de periferia. Nesse sentido, “reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidiana” (RIBEIRO, 2019, p.7).

Para uma prática antirracista é importante entender que o racismo não terminou em 13 de maio de 1888, com a abolição da escravidão. A população negra foi, de um dia para o outro, lançada à própria sorte, expulsa dos locais onde permaneceu por anos e abandonada de forma genuína. Muitos desses negros acabaram retornando às fazendas, agora em regime de trabalho remunerado — embora sem garantias reais sobre as condições desses “novos empregos”. Os antigos senhores de escravizados tornaram-se patrões, numa sociedade dominada por “homens bons” e coronéis, que faziam a lei e a aplicavam conforme os interesses do poder local, quase sempre restrito ao espaço de suas propriedades. “O proprietário que não quisesse castigar seu escravo podia recorrer aos serviços da polícia, mediante pagamento. Os negros eram punidos em prisões ou nos diversos pelourinhos espalhados pelas cidades” (GOMES, 2007, p.236).

Não se pode descredibilizar os episódios de revoltas, tampouco a resistência dos quilombos. No entanto, para que houvesse de fato uma equidade, teria sido necessária uma segunda abolição, tão urgente quanto a primeira. Nela, a população negra deveria ter sido integrada de forma justa à realidade brasileira, com acesso a moradias dignas (evitando, inclusive, situações de racismo ambiental), e sua vida deveria ter sido reconhecida com o mesmo valor das demais populações. Possivelmente, se isso tivesse acontecido, em pleno século XXI não estaríamos discutindo cotas como mecanismo de reparação histórica. “A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo

brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação” (RIBEIRO, 2019, p.3)

Nesse artigo propomos apresentar como o acolhimento emocional é fundamental para ajudar a fortalecer pessoas que passam por essas violências, mas também como o trabalho a partir de oficinas com danças como maculelê, baile charme, hip hop e heels podem ser fundamentais para que o racismo e as violências contra as mulheres não destruam a vida de famílias inteiras.

A violência contra a mulher é resultado de uma sociedade patriarcal, machista, mas também racista, sendo preciso repensar e reconstruir uma sociedade onde as pessoas não sejam exterminadas. Acreditamos que,

Ao propor a efetivação de um conhecimento que historicamente foi condenado, qual seja o conhecimento sem dicotomias entre amor e sexo; razão e emoção; corpo e alma, a mulher atua na contramão do patriarcado, da misoginia, do autoritarismo e do fundamentalismo, que são as principais armas do modelo econômico neoliberal imperialista. O feminismo, como o entendemos, atua na contramão de um modo de gestão e condução da vida historicamente focada no capital (PIRES, CASOLI e PIRES, 2019, p.3).

É necessário que possamos atuar em todas as áreas? Sim, porque essa não é uma luta somente do movimento de mulheres e da Justiça. Essa é uma luta de todas as áreas que precisam intervir em investimentos históricos que buscam produzir “homens misóginos, obedientes, dóceis e submissos à soberania dos campos políticos autoritários” (PIRES, 2021, p. 137).

2 FORTALECIMENTO DAS MULHERES, FILHAS E FILHOS ACOLHIDAS PELO FORDAN: METODOLOGIAS DE ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL E COM ÀS DANÇAS

Apresentaremos a seguir às metodologias de trabalho realizadas pelo acolhimento psicossocial e atividades com a dança mostrando que a potência em salvar vidas está na perspectiva multidisciplinar.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM REDE NO ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL

O trabalho no Fordan acontece em rede, em uma equipe multidisciplinar que acolhe, estabiliza e encaminha as denúncias e os casos de violência contra a mulher. O acolhimento emocional tem um impacto enorme no processo em que essas mulheres estão vivendo, na medida que fortalece, dando a elas pertencimento e lugar para expressarem suas dores e os crimes cometidos contra elas. Tendo uma dinâmica distinta da clínica tradicional dos consultórios psicológicos e psicanalíticos, a ética é a da vida, a de salvar vidas.

Partindo dessa premissa, o trabalho multidisciplinar tem grande contribuição, pois muitas das demandas encontradas no acolhimento não cabem somente a psicologia e sim a um conjunto de profissionais que atuam conjuntamente para que a demanda possa chegar onde realmente possa haver um impacto direto na vida dessas mulheres. Dessa maneira, as condições objetivas em que estão inseridas as mulheres importa, na medida que não basta apenas autonomia emocional, mas também social, cultural, de saúde, jurídica etc, tendo seus direitos resguardados e garantidos pelo Estado.

A Constituição Federal no artigo 5º diz que o direito à vida é um direito humano fundamental que se traduz no direito de viver de forma digna, não apenas de existir fisicamente, mas também de ter uma vida com qualidade e respeito. No inciso XV do mesmo artigo vemos sobre o direito de ir e vir onde qualquer pessoa entre, permaneça e saia livremente do território nacional em tempos de paz, levando seus bens.

Sendo a vida um direito fundamental e o de ir e vir um direito pautado no ato de convivência social (no encarceramento esse direito é destituído momentaneamente até que a pena se cumpra) ter uma equipe que garanta direitos a essas mulheres é essencial para que a vida não seja somente o estigma de ter sido vítima de violência e sim a de gozar plenamente da sua existência. Um exemplo do trabalho multidisciplinar é o diálogo da equipe de acolhimento emocional com a equipe do núcleo jurídico. Esse ao buscar medidas protetivas, bem como as requisições de pensão alimentícia auxiliam a essas mulheres a (re)organizarem e levarem suas vidas a frente, uma vez que estarem livres de uma dependência financeira é o pontapé para a estarem livres da dependência emocional. O outro é exemplo é o diálogo com o núcleo saúde.

Esse núcleo auxilia em restituir a autoestima que antes fora roubada pelo agressor, na medida em que propõe práticas de cuidados para si e a pensar um corpo que pertence somente a elas. Ja junto com o núcleo de cultura, essa noção do corpo, essa noção de si, vão sendo construídos de forma a mostrar que existe um corpo ali, além daquele que foi violentado.

Importante ressaltar que não é somente nos núcleos, que compõem a equipe multidisciplinar do FORDAN, que tem importância em salvar a vida dessas mulheres, mas a rede que se costura com a Defensoria Pública, CRAS, CAPS, CRAMS, GEEJA/SEDU, com a universidade e outra instituições do estado que devem garantir o direito à vida dessas mulheres.

Dessa forma, nesses 20 anos, o Fordan salvou e salva a vida de mulheres sabendo dos limites que encontra no trabalho, mas sabendo contornar e alinhavar os desafios enfrentados para que nenhuma vida seja perdida por omissão ou falta de preparo. Ter uma equipe e uma rede multidisciplinar é ponto chave para que possamos encontrar caminhos em nossa luta.

2.2 A ESCUTA ATIVA ALIADA A TIPIFICAÇÃO DE CRIMES NO ACOLHIMENTO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS

No momento em que a psicologia e psicanálise passaram a integrar a equipe multidisciplinar do Fordan, a escuta ativa, aliada ao acolhimento, tornou-se uma ferramenta de trabalho primordial nas rotinas de atendimento. Mais do que ouvir, acolher as mulheres mostrou-se, de fato, essencial (ADAMES, BONFÍGLIO, BECKER, 2018). Nos atendimentos realizados, a partir da escuta, foi possível notar algo em comum entre muitas delas: a falta de compreensão sobre o que realmente é violência. Diversas mulheres não sabiam reconhecer que viviam em situações de violência dentro de casa e, nesse não reconhecimento, o que mais pesava era a culpa. Culpavam-se por não se sentirem suficientes na relação, e, principalmente, enquanto mulheres, pois era isso que ouviam diariamente. Muitas se anulavam, silenciavam suas dores e, mesmo sentindo o peso do que viviam, não sabiam como nomeá-lo.

Atentando-se a isso, foi necessário ouvi-las com profundidade, compreender o que viviam e a realidade em que estavam inseridas. A partir desse movimento, iniciou-se o trabalho com cada uma delas: explicar, de forma clara, o que é violência, os diferentes tipos que podem ocorrer dentro das relações, e conduzir cada mulher a esse entendimento. Mais do que informar, tratava-se de tipificar como crime àquilo que, em algum nível, elas já sabiam, mas não conseguiam reconhecer, aceitar ou se deparar. A partir daí, escutamos relatos como: “*Eu não sofro violência em casa; às vezes meu marido me empurra, ou me xinga, mas é porque usei um short curto, ou falei com o vizinho*”. Outras afirmavam: “*Eu trabalho, mas nunca tenho dinheiro para minhas coisas, porque preciso entregar todo o dinheiro a ele*”. Situações assim eram narradas com naturalidade, como se não trouxessem consigo marcas de violência de gênero.

Após alguns atendimentos, muitas passaram a transformar suas próprias falas. Nos encontros seguintes, já não havia tanta negação. Foi necessário encarar a realidade de que a pessoa que tinha ao lado estava praticando algum tipo de violência contra elas, e isso não é algo simples de lidar. Porém, ainda que difícil, a verdade se tornou o primeiro passo para a mudança, e por fim veio o reconhecimento firme, ainda que doloroso: “*Sim, eu sofro violência*”.

Acolher mulheres em situação de vulnerabilidade significa salvar vidas, retirar a venda de tantas delas, para que, em seguida, consigam dar seus próprios passos. O ato de acolher configura-se como uma conduta de respeito ao indivíduo que chega em busca de apoio. Essa atuação não segue um protocolo rígido: pode acontecer em qualquer hora e lugar. Acolher é, antes de tudo, uma forma de carinho e de respeito pelo outro, acolher é humanizar. É trazer o sujeito para si, é escutar, compreender, respeitar a dor e o momento vivido, reconhecendo cada ser em suas particularidades e história

(BRASIL, 2021). Esse tem sido o papel do profissional da psicologia, dentro do Fordan, acolher, escutar, entregar uma devolutiva necessária e acompanhar as mulheres em seu desenvolvimento como sujeito a partir de nosso acolhimento e acompanhamento.

Esse acolhimento acontece de forma multidisciplinar, pois, como já evidenciado, a mulher precisa ter suas demandas econômicas, jurídicas, de saúde e cultura e outras caso sejam diagnosticadas, também encaminhadas. Descartamos que o fortalecimento emocional no projeto não tem como foco apenas a escuta e acolhimento psicológico ou psicanalítico da vítima.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO BAILE CHARME REAFIRMAÇÃO DE RAÇA, HISTÓRIA E CULTURA ESTÉTICA AFROCENTRADA

Por meio dos núcleos de arte e cultura, são promovidas oficinas de dança que têm como objetivo não somente a promoção da atividade física e o desenvolvimento técnico, mas também fomentar o acesso das pessoas negras e de periferia ao espaço acadêmico, criar e encontrar espaços para estimular discussões e reflexões sobre autoestima e autoconhecimento.

Tendo em vista os processos e possibilidades que o Fordan possui e produz, o baile charme, sendo uma forte manifestação cultural, entra de forma essencial para também trabalhar a reafirmação de raça, história e cultura dentro do programa Fordan, auxiliando no seu processo de enfrentamento ao racismo e à violência. O baile charme nasce da necessidade de estabelecer um espaço para que pessoas negras pudessem se reunir, manifestar e enaltecer sua cultura e estética afrocentrada, onde pudessem compartilhar suas vivências e fortalecer suas vozes para denunciar as violências sofridas, ouvir músicas feitas por e para pessoas pretas. E, acima de tudo, robustecer o movimento negro brasileiro, que incorpora, da ideologia da negritude, a necessidade de trabalhar o reavivamento da autoestima dos afrodescendentes.

Petrônio Domingues diz: “[...] a negritude se expressa pela valorização dos símbolos culturais de origem negra [...]. E, quando o estilo musical *Rhythm and Blues* (R&B) surge como vertente musical, ele nasce imitando o jeito de dançar e cantar dos negros dos Estados Unidos. Quando esse gênero musical chega ao Brasil, nos anos 70, traz consigo seus bailes inspirados nas lutas por direitos civis dos Estados Unidos. A partir dos anos 80, esses bailes se consolidam como os famosos bailes charme, tornando-se um dos poucos lazeres noturnos para a comunidade preta do subúrbio do Rio de Janeiro.

Uma manifestação cultural que nasceu da necessidade de um lugar onde a cultura e os corpos pretos pudessem ser livres e exaltados, e que agora vem criando raízes para além do estado do Rio de

Janeiro. Pois, graças ao Fordan, será possível a propagação dessa manifestação cultural tão rica na Grande Vitória e por todo o Espírito Santo.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DO FORDAN PARA O FORTALECIMENTO DO JOVEM NEGRO PERIFÉRICO

O programa sempre se preocupou com a inclusão em suas vivências, sejam oficinas, workshops, palestras ou intervenções nas aulas da UFES. Garantir o acesso à cultura e informação é uma questão de suma importância para o programa, motivo pelo qual a periferia recebe um cuidado especial em seu atendimento.

O Fordan nasceu em 2005 na comunidade da Grande São Pedro, periferia de Vitória- ES, desde então funciona como ponto central que reúne diversas comunidades adjacentes, ampliando o alcance do acesso à cultura, saúde, jurídico e demais políticas públicas. E tem sido ponto de referência das pesquisas de TCC, mestrado e doutorado de toda a equipe. Mesmo quando as ações são realizadas dentro da universidade, há um trabalho de mobilização e divulgação nas periferias, de forma a estimular a presença do morador no espaço acadêmico, permitindo que ele também se reconheça como pertencente a este ambiente.

As oficinas do FORDAN não se restringem à prática pela prática. Cada módulo é planejado a partir de um eixo temático, com o foco no enfrentamento das violências. No caso do Hip Hop, por exemplo, as oficinas são estruturadas em três fases: a tomada de consciência, o fortalecimento e o enfrentamento.

Na fase da **tomada de consciência**, busca-se a identificação e problematização de violências frequentemente naturalizadas ou invisibilizadas na sociedade. Um exemplo é a análise da música *A Coisa Tá Preta*¹, de Rincon Sapiênci, trabalhada no módulo 2025/1, em que o artista evidencia a violência simbólica presente na associação do termo “preto” a aspectos negativos. A discussão inicial com os estudantes visa descontruir essa naturalização e reafirmar que tais discursos não devem ser reproduzidos nem tolerados.

Na fase do **fortalecimento**, a proposta é elevar a autoestima do jovem negro periférico, valorizando sua identidade e mostrando a existência de uma potente rede de apoio. Ainda no exemplo da música, Rincon ressignifica a expressão “a coisa tá preta”, convertendo-a em afirmação positiva, associada à força, à resistência e ao orgulho da população negra periférica.

¹ Música lançada pelo compositor, poeta e rapper, Rincon Sapiênci. Essa obra, como muitas outras da sua discografia, traz uma crítica política e social do cenário brasileiro . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9MtBh9VX8tE>. Acesso em: 14 set. 2025.

Finalmente, a fase do **enfrentamento** prepara os participantes para utilizar a arte como ferramenta de combate às violências. Isso pode ocorrer ao se tornarem multiplicadores da mensagem, ao assumir uma postura ativa contra práticas discriminatórias ou a adotar modos de ser e agir que não reproduzam violências, mas sim promovam inclusão e acolhimento.

Assim, o FORDAN se consolida como um importante mecanismo de promoção da inclusão social, impactando diretamente a vida de crianças, jovens e adultos nas periferias.

2.5 A DANÇA HEELS COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA MULHER NEGRA

O Heels é uma dança que ganhou notoriedade a partir da disseminação de artistas da cultura pop nos Estados Unidos, especialmente nos anos 2000. Ela é realizada utilizando sapatos com salto alto e suas movimentações possuem características que dialogam com outras linguagens de dança como o Jazz, o Balé Clássico e as danças urbanas (MARGUERITTE, 2022).

Como efeito da ascensão das redes de comunicação, essa prática corporal se difundiu em face de uma demanda por apresentações e performances de dança mais chamativas e impactantes voltadas para um público consumidor (XAVIER, 2017). Nesse contexto, profissionais da dança se depararam com essa procura comercial por coreografias e performances voltadas para vídeos, palcos e propagandas. Tal cenário proporcionou o aumento de produções audiovisuais disseminando e atrelando assim a música à imagem do artista em videoclipes da época (SOUZA, 2010).

Apesar de sua popularização em escala global, o acesso ao Heels ainda se restringe às camadas mais favorecidas. Isso ocorre tanto pela reduzida oferta de profissionais qualificados para seu ensino, quanto pelo seu custo, que envolve um investimento individual do aluno com um salto próprio para uso em aula.

Diante desses desafios, o Programa Fordan identificou o potencial em ofertar a Oficina de *Stiletto*², inicialmente na Ufes e, posteriormente, também na sede de São Pedro. A iniciativa tem como objetivo ampliar o acesso às práticas corporais, disponibilizando aulas semanais não apenas à comunidade externa e acadêmica, mas também a moradoras de bairros periféricos da Grande Vitória.

De acordo com estatísticas do IBGE (2018), as mulheres dedicam, em média, 73% a mais de horas aos cuidados familiares e às atividades domésticas, proporção ainda mais elevada entre mulheres negras e pardas. Essa realidade evidencia que, mesmo com a crescente inserção feminina no mercado de trabalho, persiste a limitação do tempo disponível para o lazer e para práticas corporais. Nesse

² O termo *Stiletto* corresponde a uma marca patenteada pela coreógrafa Dana Foglia, referindo-se a um método específico de ensino de dança com o uso do salto, em especial do scarpin. Apesar da popularização do nome, o termo *Heels Dance* se tornou uma alternativa mais adequada e livre para esse estilo de dança que possibilita o uso de qualquer tipo de salto.

sentido, ao refletir sobre a dança como possibilidade no tempo livre, Lopes da Silva, Rigoni e Silva (2021, p. 96) destacam que “o lazer pode se tornar um tempo e espaço de experiências educativas e emancipatórias”.

Assim, as aulas de *Heels* têm como propósito oferecer instrumentos que possibilitem ao indivíduo momentos de autocuidado e de reconexão consigo mesmo. Conforme a autora aponta, a prática da dança em salto alto pode “promover o autoconhecimento, desenvolver a autoconfiança, favorecer a desinibição, despertar a feminilidade e elevar a autoestima” (ALBUQUERQUE, 2018, p.39). Além disso, configura-se como um espaço que possibilita tanto a vivência corporal quanto o estabelecimento de trocas afetivas e sociais (DA SILVA et al., 2016).

Retomando a discussão acerca da limitação do acesso ao lazer, observa-se que essa realidade afeta de forma mais intensa as mulheres negras, em razão da sobrecarga que enfrentam no trabalho e na vida. Como consequência, há uma tendência à negligência de práticas corporais que poderiam contribuir para a manutenção da própria saúde e do bem-estar. Nesse sentido, Soares (2021, p. 124) ressalta que, ao vivenciarem tantos desafios ocorre uma perda do “eu interior”, instaurando um “trauma cultural do corpo negro feminino como o lugar do não-cuidado, o lugar do trauma”.

Foi na infância que a ativista do feminismo negro Djamila Ribeiro (2019) vivenciou seus primeiros episódios de racismo direcionados à aparência, os quais impactaram significativamente sua autoestima. A sociedade reforça esses estereótipos, porque segundo Ambrosio et al. (2022, p. 460), “as características que compõem os corpos racializados eram e permanecem sendo ridicularizadas e associadas a estereótipos tidos como feios”. Dessa forma, as meninas e mulheres acolhidas pelo Fordan crescem internalizando e se espelhando em padrões de beleza excludentes.

Diante disso, realizamos atividades com o Stiletto que possam permitir que essas mulheres sejam acolhidas e fortalecidas pelo o que realmente são. De acordo com Xavier (2017), tais práticas não apenas convocam a mulher a uma entrega emocional, mas também a incentivam a enfrentar preconceitos historicamente construídos e socialmente impostos em relação ao corpo feminino. Em um recorte racial, Berth (2019, p. 74) enfatiza que “não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro da nossa própria pele”.

2.6 MACULELÊ: CULTURA E ANCESTRALIDADE COMO POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

Falar da dança é lembrar e reafirmar seu papel como meio de expressão artística e cultural, que se estabelece como uma forma comunicativa que perpassa épocas, territórios e corpos. No cenário brasileiro, marcado por uma historicidade colonizadora onde observamos e passamos pela escravidão

e iniciativas de extermínio das culturas afro-brasileiras e indígenas, manifestações como o Maculelê surgem não somente como ações de cunho estético, mas também como principais meios de resistir e de se autoidentificar. Este tópico procura trazer para a reflexão o papel do Maculelê como ação educacional que ajuda no fortalecimento da herança cultural e ancestral, no reconhecimento cultural e na colaboração para a formação crítica das pessoas, particularmente em espaços escolares e sociais vulneráveis.

A dança como manifestação da Cultura Corporal pode ser observada como algo de grande valia por proporcionar a vinculação entre movimento, emoção, história e identidade. Dando continuidade a essa ideia, Bispo (2023, p. 11) nos mostra que “a arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada” e a dança, nesse cenário, transforma-se em linguagem viva que interliga o corpo à memória coletiva.

Essa visão da dança como manifestação cultural e comunicadora ganha respaldo nas ideias de Strazzacappa (2001) que entende a dança como um código linguístico apto a demonstrar a substancialidade e a cosmovisão do indivíduo, definindo-se, desta forma, como instrumento educacional de grande capacidade. Nessa mesma direção, Kunz (1994) faz uma defesa voltada para o reconhecimento da cultura corporal no território escolar para que se tenha o favorecimento de procedimentos de emancipação que permitam que os educandos passem a reconhecer a si mesmos como pessoas históricas e culturais.

Com o olhar direcionado para o Maculelê, essa dimensão apresenta-se por intermédio de ações vigorosas que envolvem ritmos acentuados e simbólicos que nos fazem lembrar das lutas, das festas e das raízes africanas das quais fazemos parte. Acreditamos que, mais do que uma performance estética, estas expressões transportam conceitos que conversam com a memória e a identidade social de um povo que lutou contra a escravidão e a segregação. Dando prosseguimento e apoiando-se nas visões de Marques (2001), a dança é um território de criação de sentido, onde o corpo se define como palco de memória, espaço de manifestação e resistência.

Esse ponto de vista é fundamentado por conceitos elaborados por Deleuze e Guattari (1997) citado por Haesbaert (2020, p. 78), que nos traz uma reflexão acerca do território, destacando que “cada pose, cada movimento, instaura uma determinada distância entre os corpos”, mostrando a dança como forma de diálogo espacial que produz sentidos e conexões sensoriais entre pessoas.

É neste cenário que o Maculelê se estabelece como uma dança construída por concepções afro-brasileiras com base fundamentada na luta, música e dramatização. Inventado nos alojamentos (Senzala) onde prendiam os negros retirados da sua terra e mocambos (Quilombos), simboliza o meio pelo qual essas pessoas colocadas em situação de subalternidade se manifestavam, ao ponto de

descobrirem na dança uma forma de salvaguardar sua cultura e evidenciar suas identidades. As Grimas, bastões de madeira utilizados para fazer acontecer à dança, vibram ao som dos tambores e de canções que nos fazem lembrar do passado de aflição, resiliência e celebração da vida.

Conforme o que é relatado por Nanni (2003), a ancestralidade não deve ser entendida unicamente como acervo cultural genético, e sim como uma habilidade real que se lança na atualidade. Dessa maneira, ao vivenciar o Maculelê, o corpo se transforma em um caminho de comunicação com os ancestrais, mantendo a memória de um coletivo posto em situação de emudecimento, mas que jamais foi esquecido. Esse ponto de vista vai de encontro com as ideias de Morin (2000), que enfatiza a demanda de uma educação que admite a multiplicidade humana e reconheça os conhecimentos tradicionais e populares.

Nesse contexto de reconhecimento da ancestralidade e da educação como ação de emancipação, o FORDAN: Cultura no enfrentamento às Violências surge como local ideal para a reinterpretação do Maculelê, inserindo o mesmo em suas vivências como instrumento didático, político e cultural. Ao proporcionar formações, seminários e experiências que ajudam a compreender e acolher mulheres vítimas de violência e integrar o Maculelê como meio de ajudar as mesmas e seus filhos neste processo. O Maculelê, nesse cenário, deixa de ser observado unicamente como manifestação artística tornando-se linguagem real de confronto às agressões impostas, de consolidação identitária e de formação de espaços pedagógicos que comemoraram a multiplicidade e a potência dos conhecimentos ancestrais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fordan representa um espaço de resistência e afirmação identitária, que fortalece nossa caminhada como educadoras(es) e pessoas negras periféricas. Através da dança, encontramos meios de transformar dor em potência e ressignificar vivências. Estar no programa é também nos fortalecer para seguir atuando contra as violências e a favor da inclusão.

Diante desse cenário de exclusão, o Programa Fordan, busca proporcionar às mulheres o protagonismo sobre suas próprias histórias, oferecendo acolhimento emocional e vivências voltadas ao fortalecimento individual e coletivo como uma rede de apoio.

Destacamos como esse trabalho tem nos fortalecido enquanto equipe. Pesquisar e intervir tem funcionado como uma formação em serviço, que nos ajuda constantemente a repensar nossa própria identidade e nosso lugar no mundo como sujeito individual e coletivo. Também estamos em constante revisão dos saberes e afetos políticos que nos constituem. É possível acolher o outro com suas demandas de violências sem colocar em debate se nós também sofremos ou produzimos violências?

No Fordan, as duas coisas andam juntas, pois o pesquisador é ao mesmo tempo participante e participe do processo. Muitas (os) de nós só passou a assumir uma postura antirracista e antimissogina a partir do momento que se inseriu como trabalhador do Fordan, pois temos como roda de conversas e leituras obrigatória textos sobre racismo e misoginia.

REFERÊNCIAS

- ADAMES, B.; URNAU BONFIGLIO, S.; BECKER, A. P. S. Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 13, n. 2, p. 1–12, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2980. Acesso em: 13 set. 2025.
- ALBUQUERQUE, Ana Abigail Gomes de et al. Dançando de salto: experimentações coreográficas da dança stiletto no Grupo 2k Dance sob o olhar da etnocenologia. 2018.
- AMBROSIO, L.; FONSECA, L. G.; FERNANDES DE ANDRADE, A. B.; SOUSA, D. P.; SILVA, C. R. Cabelos crespos, tranças e black power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 39, p. 453–477, 2022. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1274>. Acesso em: 1 set. 2025.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pôlen, 2019. (Série Feminismos Plurais).
- BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Acolhimento. In: *HumanizaSUS: glossário da PNH*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus/glossario-pnh/acolhimento>. Acesso em: 13 set. 2025.
- DA SILVA, Cinthia Lopes et al. Contribuições de Marcel Mauss aos estudos do lazer. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 3, n. 3, p. 154-166, 2016.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações*, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.
- GOMES, Laurentino 1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil / Laurentino Gomes. — São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- LOPES DA SILVA, Cinthia; RIGONI, Ana Carolina Capellini; SILVA, Luciene Ferreira da. O lazer como fenômeno cultural e suas relações com alguns marcadores sociais. *Corpoconsciência*, v. 25, n. 1, p. 90-104, jan./abr. 2021.
- MARQUES, I. *Ensaios sobre dança e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.

NANNI, D. *Dança, ancestralidade e corporeidade*. São Paulo: Summus, 2003.

PEREIRA, M. C.; RAIHER, A. P. A prática esportiva feminina no Brasil: ênfase na condição de pobreza. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 42, n. 2, p. e52806, 10 ago. 2020.

PIRES, R. M. S.; CASOLI, R.; PIRES, Olavo. Violência contra a mulher: o macho cria o mundo e o mundo cria o macho. In: *Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades*, V, 2019, Vitória. V Seminário Comunicação e Territorialidades: comunicação, democracia e direitos humanos. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

PIRES, R. S. *Fontes inéditas sobre Dom Pedro II e Luiz XIV: protagonistas do tráfico e exploração sexual de bailarinas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. v. 1. 155 p.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RINCON SAPIÊNCIA. *A Coisa Tá Preta*. Single. São Paulo: Boogie Naipe, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9MtBh9VX8tE>. Acesso em: 14 set. 2025.

SOARES, Luana. "Tive que trabalhar, não pude parar": teorizando saúde e o autocuidado na vida das mulheres negras brasileiras. *WSQ: Women's Studies Quarterly*, v. 49, n. 1, p. 118-134, 2021.

SOUZA, Luanna Marjorie Ferreira de Sá. *A evolução da publicidade nos videoclipes: produto da indústria cultural*. 2010.

STRAZZACAPPA, M. *Dança na escola: arte, conhecimento e expressão*. Campinas: Papirus, 2001.

XAVIER, F. S. *Stiletto Dance: “Leveza, charme e sensualidade” – quando o salto alto está na dança*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Metropolitana do Planalto Norte, Vitória, 2017.